

ELAS NO RÁDIO: CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES BRASILEIRAS AOS ESTUDOS DO MEIO SONORO NO ÂMBITO LUSO-BRASILEIRO¹

THEM ON THE RADIO: BRAZILIAN WOMEN WHO GIVE ACADEMIC STATUS TO THE SOUND MEDIA IN THE LUSO BRAZILIAN SCOPE

MAÍRA ROSSIN GIOIA DE BRITO²

JOÃO CUBAS MARTINS³

VALQUÍRIA MICHELA JOHN⁴

RESUMO

Este estudo sistematiza os resultados de uma cartografia de campo (Martín-Barbero, 2002) que baliza a pesquisa radiofônica a partir de um levantamento exploratório nos anais dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação entre 2013 e 2019, com foco na presença de mulheres pesquisadoras brasileiras. O recorte são os artigos apresentados no Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros, totalizando 21 trabalhos. Os *papers* foram analisados quanto à nacionalidade da autoria e das citações nas referências bibliográficas. O objetivo é evidenciar as pesquisadoras brasileiras em meio àqueles que dão status acadêmico ao meio sonoro no âmbito luso-brasileiro. A pesquisa traz uma reflexão a partir da colonialidade do saber (Quijano, 1992; 2005) e nas discussões sobre gênero, no que se refere às problematizações sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser (Lugones, 2014). Constatou-se que os autores brasileiros citados compõem um grupo com 33 nomes. Dentro do grupo, destaca-se a significativa presença de autoras mulheres, num total de 18, mais da metade, portanto. Embora o autor mais citado seja homem, dos seis autores mais mencionados, quatro são mulheres, o que mostra um aspecto importante na perspectiva das epistemologias do sul: a presença contundente de mulheres como referências nos estudos radiofônicos no contexto analisado.

Palavras-chave: mulheres; rádio; colonialidade; pesquisa

ABSTRACT

This study systematizes the results of a field cartography (Martín-Barbero, 2002) that guides radio research based on an exploratory survey of the annals of the Congresses of the Portuguese Society of Communication Sciences between 2013 and 2019, with a focus on the presence of Brazilian women researchers. The focus is on the articles presented in the Radio and Sound Media Working Group, totaling 21 papers. The papers were analyzed in terms of the nationality of the authors and the citations in the bibliographical references. The aim is to highlight Brazilian researchers among those who give academic status to the sound medium in the Luso-Brazilian context. The

- 1 Artigo derivado do resumo expandido apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 contra o fim do mundo: anti-colonialismo, anti-fascismo e justiça climática realizado em Florianópolis entre 29 de julho a 02 de agosto de 2024.
- 2 Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC Campinas) e mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e coordenadora do Núcleo de Jornalismo da Agência Escola UFPR. E-mail: mairargioia@gmail.com
- 3 Relações públicas formado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC Paraná) e jornalista formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre e doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPR. E-mail: joaocubas@ufpr.br
- 4 Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da graduação do Departamento de Comunicação (UFPR). Atua na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR e no Programa Interinstitucional Ciência Cidadã na Escola. Bolsista PQ2 CNPq. E-mail: vmichela@gmail.com

research reflects on the coloniality of knowledge (Quijano, 1992; 2005) and on discussions about gender, with regard to problematizations about the coloniality of power, knowledge and being (Lugones, 2014). The Brazilian authors cited comprise a group of 33 names. Within the group, the significant presence of women authors stands out, with a total of 18, more than half. Although the most cited author is a man, of the six most mentioned authors, four are women, which shows an important aspect from the perspective of southern epistemologies: the strong presence of women as references in radio studies in the context analyzed.

Keywords: women; rádio; coloniality; research

Introdução

A produção e a circulação de conhecimentos ganham destaque nas mais variadas áreas, visto ser necessário dar visibilidade para o fluxo de informações científicas. Em meio a tal dinâmica, nos deparamos com um campo que tem o Brasil como referência: o da radiofonia, como evidenciaram os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Pérez ao mencionarem que o primeiro número da revista *Radio, Sound & Society*, criada pela seção de rádio da *European Communication Research and Education Association (ECREA)*, trouxe no dossiê *Latin Radio, Diversity, Innovation and Policies* a participação de oito pesquisadores brasileiros assinando quatro dos sete artigos (Kischinhevsky *et al.*, 2017).

A notoriedade brasileira também foi citada pela pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, que creditou destaque à atuação do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom⁵. Segundo a autora, o GP foi capaz de traçar “um sólido repertório bibliográfico de referência obrigatória para inúmeros trabalhos de pós-graduação e para muitos autores de língua portuguesa e espanhola” (Oliveira, 2016, p. 15). A influência culminou na criação, em 2013, do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). Neste artigo, lançamos uma reflexão acerca da a colonialidade do saber (Quijano, 1992; 2005). Essa é uma das questões centrais na perspectiva de um “giro decolonial” (Ballestrin, 2013) no que se refere à produção e valorização do conhecimento que se produz desde o Sul. Embora Quijano tenha focado nos aspectos raciais e de classe, autoras como Lugones (2014) enfatizam a necessidade de se considerar também o gênero para ampliar o alcance das epistemologias do Sul.

O objetivo é mostrar um trânsito contrário, ou seja, a partir dos saberes e práticas do Sul em meio a uma jornada intelectual dos pesquisadores que estão “abaixo” da linha abissal (Santos, 2007) – como se uma linha radical pudesse impedir a presença global destes conhecimentos. Este artigo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla, (Brito; John, 2024), apresenta uma cartografia dos estudos apresentados no Grupo de Estudo SOPCOM, em que a pesquisa sobre o rádio está em evidência, assim como os/as autores/as brasileiros/as citados/as, conforme veremos a seguir. Ao fazer isso, nos vinculamos a uma perspectiva de pensar a Comunicação e os estudos da área desde a perspectiva decolonial, ou seja, do Sul, com o Sul e para o Sul. Neste caso, estabelecendo a ruptura que Quijano (1992) definiu como a colonialidade do saber. Se como aponta Grosfoguel (2008), ser decolonial é promover o processo de “descolonização do pensamento”, a cartografia aqui realizada busca esse movimento.

5 <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-radio-e-midia-sonora>

A proposição de Aníbal Quijano, central para o desenvolvimento do giro epistêmico desenvolvido a partir do grupo Modernidade/Colonialidade, é condutora da análise e da reflexão aqui empreendida. Assim, tensionamos como, a partir dos estudos radiofônicos e de mídias sonoras realizados no Brasil há mais de 30 anos, tem se promovido esse movimento de “sulear” (Campos, 1991; 2019) a pesquisa em Comunicação e a notoriedade de pesquisadoras, num duplo giro epistêmico, que envolve pôr em tensão as epistemologias do Norte bem como a colonialidade a partir do gênero (Lugones, 2014).

Queremos assim contribuir com tal linha de pensamento e a partir de reflexões sobre um significativo veículo em termos de audiência no Brasil e outras partes do mundo. De acordo com a Pesquisa *Inside Áudio 2023*, do Kantar Ibope Media, 80% da população de 13 regiões metropolitanas do país ouve rádio. Na Europa, o rádio é o meio de maior credibilidade, segundo o estudo *Net Trust Index 2019*. Dos 33 países analisados, 24 têm o rádio como meio mais confiável pela população.

Para além da questão desse movimento epistêmico do Sul para o Norte, entendemos que outro aspecto fundamental para o “suleamento” epistemológico é o atravessamento do gênero na produção do conhecimento científico, neste caso, no campo da Comunicação. Maria Lugones (2014) ao promover uma crítica à proposição de Quijano, destaca que não se pode problematizar a “colonidade do ser e do saber” sem passar pelo gênero. Aqui, empreendemos, portanto, uma discussão que se propõe a pensar na contribuição do pensamento das mulheres brasileiras para o pensamento comunicacional, nesse trânsito suleado que vai do Sul ao Norte Global.

A crítica feminista tem estabelecido, pelo menos desde os anos 1970, a problematização quanto aos impactos de uma ciência que é, majoritariamente, masculina (Harding, 1996). Podemos afirmar, a partir da perspectiva dos feminismos subalternos (Ballestrin, 2017) que a ciência é masculina, branca e do Norte Global. Assim, um efetivo giro epistêmico também passa por termos uma ciência (ou melhor, ciências, no plural) mais diversa. Na pesquisa realizada, da qual este artigo se desdobra, constatamos que já ocorre o movimento do Sul para o Norte, do pensamento brasileiro para o português, no caso do recorte empreendido. Porém, destacamos outro questionamento: esse deslocamento rompe também com a “colonização do saber” a partir do gênero?

É importante lembrar que as mulheres, de um modo geral, em todas as ciências, e em todo o mundo, ainda lutam por equidade de gênero nas ciências. Malena Stariolo e Aline Vessoni (2023)⁶ destacam, a partir de dados levantados pela Unesco, que “[...] as mulheres representam 33,3% de todos os pesquisadores no mundo e apenas 12% delas são membros de academias científicas nacionais”. Essa desigualdade é ainda maior nas chamadas ciências duras, pois “ao olhar para áreas de tecnologia e inovação a presença de pesquisadoras cai ainda mais: elas são apenas uma em cada cinco profissionais”. No estudo realizado por Rocelly Cunha, Magda Dimenstein e Candida Dantas (2021), as autoras mapeiam um conjunto de levantamentos sobre a presença das mulheres nas ciências e destacam que diversas pesquisas realizadas no Norte Global, em países como Estados Unidos, Espanha, Reino Unido, entre outros:

[...] revelaram a existência de padrões desiguais estruturados em pelo menos quatro aspectos: a) mulheres ainda representam parcela minoritária na ciência mundial; b) concentram-se em determinadas áreas de conhecimento; c)

6 Reportagem “A ciência precisa de mais mulheres”. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/02/11/a-ciencia-precisa-de-mais-mulheres/>

predominam nos níveis iniciais da carreira e, d) estão sub-representadas em posições deliberativas da política científica e tecnológica (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021, p. 84).

Como se vê, mesmo no Norte Global, detentor das bases epistêmicas do fazer científico, há contundente desigualdade de gênero, o que também reforça a perspectiva de Campos (1991) de que há Sul dentro do Norte, como pode haver Norte dentro do Sul.

O cenário científico brasileiro não é diferente. No mapeamento realizado por Rocelly Cunha, Magda Dimenstein e Candida Dantas (2021), a partir de um conjunto de estudos nacionais, elas constatam que além das efetivas desigualdades verticais, no Brasil, “[...] as mulheres são maioria [apenas] em áreas do conhecimento relacionadas com as profissões socialmente identificadas como femininas e há uma proporção expressiva de mulheres em posições mais baixas na hierarquia da Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I)” (p. 84)

Em 2023, o tema da desigualdade de gênero na ciência brasileira ganhou discussão pública nas plataformas digitais. O debate se deu a partir da publicação de um parecer *ad hoc* de avaliação de candidatura à bolsa de produtividade do CNPq⁷, que destacava a cobrança de produção de uma cientista durante o período de sua licença maternidade. Foram levantadas questões sobre a evidente desigualdade de gênero nas posições de prestígio no mundo acadêmico brasileiro. Ana Botallo (2023)⁸ em reportagem para o jornal Folha de S. Paulo, destacou que apenas 36% das bolsas de produtividade do CNPq são de mulheres, realidade que segue inalterada nos mais de 20 anos de atribuição das bolsas. “Vendo a distribuição por área, as exatas e engenharias concentram o menor número de mulheres (por volta de 20%), enquanto saúde e linguística, letras e artes têm as maiores taxas (mais de 50%)” (Botallo, 2023).

Vale lembrar também que, até 2019, quando foi instituído o prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher pela SBPC, nenhuma das premiações científicas fazia, em seu título, a homenagem a uma mulher. Embora sejam maioria nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*⁹ isso não se reflete em cargos de chefia e posições de liderança no mundo acadêmico. “Um comparativo feito pelo Laboratório de Estudos sobre Educação Superior (LEES) da Unicamp mostra que, enquanto 51% dos títulos de doutorado entre 1996 e 2014 foram obtidos por mulheres, o número de mulheres docentes nas universidades cresceu apenas 1%, de 44,5% para 45,5%.” (Ribeiro, 2023)¹⁰. Quanto mais altos os postos, menor a quantidade de mulheres. Esse fenômeno vem sendo chamado de “efeito tesoura”. Basta lembrarmos que, em 73 anos de história, o próprio CNPq nunca teve uma mulher como presidente.

É neste cenário, da ainda persistente desigualdade de gênero no campo científico, que empreendemos a análise que se dedica ao campo específico da Comunicação, com recorte para os estudos radiofônicos, grupo de tradição consolidada no Brasil há mais de 30 anos e que, como veremos nos tópicos a seguir, tem promovido um cenário que sinaliza uma quebra nesse processo de colonialidade do saber a partir do gênero.

7 Reportagem do G1 sobre o caso: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/12/27/cnpq-usa-gravidez-como-justificativa-para-reprovar-professora-da-ufabc-em-edital-de-pesquisa.ghtml>

8 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2023/12/mulheres-sao-apenas-35-de-bolsistas-de-productividade-do-cnpq-ha-20-anos.shtml>

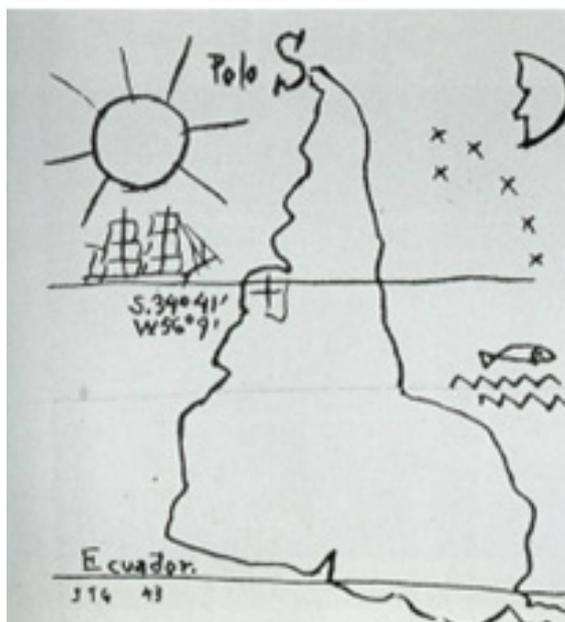
9 Segundo dado da Capes, 54,2% dos matriculados no *stricto sensu* são do gênero feminino.

10 Fernanda Teixeira Ribeiro. Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades? Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/03/03/por-que-as-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-mas-ocupam-menos-da-metade-dos-cargos-de-docencia-nas-universidades/>

Por um Sul, e por mulheres, dentro do mapa

O ponto de partida da proposta epistemológica que deixa o Sul 'fora do mapa' é a convicção de que todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência (Santos; Araújo; Baumgarten, 2016). O conceito de colonialidade do poder desenvolvido por Quijano, foi o articulador do grupo Modernidade/Colonialidade, que propôs o "giro decolonial" (Ballestrin, 2013), ou seja, a perspectiva de compreender as práticas e os processos socioculturais sobre o Sul, desde o Sul e para o Sul. Uma forma de ilustrar o pensamento é o mapa invertido da América do Sul, proposto por Joaquín Torres García, em 1943.

Figura 1. Mapa invertido da América do Sul



Fonte: García (1943)

Ao propor a chamada Escuela del Sur, Torres Garcia afirmou que:

[...] na realidade nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso pomos agora o mapa ao contrário, e assim temos a ideia correta de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, ao prolongar-se, a partir de agora, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte (Torres García, 1984, s/p).

Conforme Quijano (2005), "em todo o mundo eurocentrado foi-se impondo a hegemonia do modo eurocêntrico de percepção e produção de conhecimento e (...) o próprio imaginário foi, demonstradamente, colonizado" (p. 104). Aqui chamamos a atenção para o fato de que esse aspecto pode ser observado na própria pesquisa em Comunicação realizada no Brasil. Nos mapeamentos sobre os autores mais utilizados pelos pesquisadores brasileiros no Encontro Nacional da Compós, o grupo de pesquisa¹¹ liderado pelas professoras Paula Simões e Vera França, da Universidade Federal de Minas Gerais, têm constatado que permanece o cenário já

11 A compilação dos resultados dos levantamentos que têm sido realizados pela autora para compreender as principais bases teóricas da pesquisa em Comunicação no Brasil, com foco especialmente nos GTs da Compós, pode ser encontrada em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/projetos/projeto-as-novas-teorias-da-comunicacao/>. Os levantamentos indicam que, por exemplo, nos trabalhos apresentados nos GTs de Novas Mídias, Comunicação e Sociabilidade e Epistemologia da Comunicação de Compós, Michel Foucault é o autor mais citado pelos pesquisadores brasileiros.

apontado por outros pesquisadores: o do predomínio de referências teóricas provenientes do Norte Global nos artigos produzidos por brasileiros. Ao analisar o GT de Jornalismo da Compós, se constata que Nelson Traquina (1948-2019) é o autor mais citado (Simões et al, 2020). Os autores e autoras destacam que os pesquisadores brasileiros citados, ao menos nos trabalhos relacionados ao jornalismo, estão na mesma proporção (50%) que os autores estrangeiros. Quando se olha, porém, para o gênero dos/as autores/as, a desigualdade se agrava.

Maria Cristina Gobbi tem realizado, há algumas décadas, o mapeamento histórico quanto às bases epistêmicas, teóricas e metodológicas da pesquisa em Comunicação na América Latina. Em seus mais recentes trabalhos (Gobbi, 2022; 2023), a autora tem se dedicado a apresentar a presença das mulheres nesse cenário. Ao realizar esse movimento, a autora enfatiza aquilo que não surpreende, mas que é um abismo a ser superado, qual seja, o de que “[...] o legado produzido pelas mulheres é pouco conhecido e/ou referenciado nos estudos da área” (Gobbi, 2023, p. 2). Entre os principais problemas encontrados, Gobbi aponta que “Além de pouco estudada e significativamente fragmentada, as produções das mulheres na área da comunicação estão diluídas em temas e/ou períodos específicos” (p. 3). Significa dizer que a pesquisa em Comunicação na América Latina evidencia um cenário em que na “[...] literatura acadêmica da área, de fato, parece evidenciar-se uma condição de exclusão e de invisibilização de referenciais dos estudos realizados por mulheres” (p. 4).

Na pesquisa que mapeia os estudos específicos sobre Comunicação e gênero nas principais revistas brasileiras da área, Camila Tavares, Michele Massuchin e Leila Souza (2022) encontram um cenário de desigualdade de gênero, mesmo quando o tema em questão é o próprio gênero. Entre os 30 autores mais citados, 58% são do gênero masculino (19) e 42% do gênero feminino (12). Dos 10 autores mais citados, sete são do gênero masculino.

Por isso, defendemos ser necessário promover o “giro decolonial” nos estudos em comunicação brasileiros e, ao apresentar este artigo, pretendemos contribuir para as reflexões quanto à “[...] importância e necessidade de reconfigurar outras propostas epistemológicas para o campo, não se detendo apenas às teorias e pensamentos europeus ou estadunidenses” (Amaral, 2021, p. 479) e masculinos. Fazemos isso com um olhar específico: a participação das pesquisadoras na construção do campo científico do rádio e das mídias sonoras no Brasil. Nossa inspiração surge do caminho aberto pelo livro *Mujeres de la Comunicación* (Rodríguez et al., 2020). A obra reuniu a trajetória de vinte mulheres latino-americanas na área da Comunicação. O livro conseguiu reunir a contribuição de cada uma delas e, de maneira, provocativa, nos convida a também compilar jornadas. No texto de apresentação, Omar Rincón, afirma:

O livro é uma provocação para que quem o lê também se atreva a construir novos textos sobre autoras, pensadoras, teóricas, ativistas, contadoras de histórias que precisamos para continuar construindo o mapa do pensamento feminino na comunicação (Rincón, 2020, p. 8).

Além de lançar um olhar para uma rede que executa pesquisa com um diálogo mais ao Sul, e da perspectiva de gênero nesse processo, este artigo também coloca em pauta outra invisibilidade: a do próprio rádio em meio ao contexto científico. Em sua tese de doutorado, Eduardo Meditsch (2007) trouxe um panorama da bibliografia sobre o rádio em nível mundial. A conclusão foi de que havia pouca produção de conhecimento sobre o rádio, e quando havia eram estudos de natureza técnica. No caso do Brasil, a situação era ainda pior. O autor conseguiu identificar

apenas uma produção editorial incipiente. Dezesete anos depois, já vislumbramos uma realidade distinta, promissora e que atravessa fronteiras. Por isso, é necessário refletir não só sobre o meio rádio, mas, principalmente, sobre seus/suas pesquisadores/as:

[...] um meio inquieto que, ao longo de sua história passa por diferentes mudanças e adaptações. Faz-se então necessário refletir sobre os paradigmas que amparam nosso pensamento [...], os pesquisadores mais uma vez atenderam ao desafio e buscaram os teóricos que pensam o rádio. Que teorias este meio é capaz de provocar e quais os teóricos que vêm dando ao rádio este status acadêmico, são algumas questões desta obra que busca também verificar a contribuição destes mesmos autores para pensar o rádio na contemporaneidade (Cunha, 2005, p. 13).

Mostraremos a seguir que os estudos de rádio, especialmente aqueles feitos por pesquisadoras brasileiras, contribuem para a construção de um pensamento pós-abissal e referenciam pesquisadoras de nacionalidade brasileira tornando possível um pensamento a partir do Sul e, deste modo, buscando a superação da colonialidade do saber (Quijano, 2005) nessa área e com a contribuição significativa de pesquisadoras. Os resultados aqui encontrados apontam para um cenário de contrafluxo a esse processo, de um trânsito que vai do Sul para o Norte e que evidencia a contribuição das mulheres pesquisadoras nesse processo.

Perspectivas e análise: o que se pesquisa

Com o objetivo de traçar uma cartografia do campo (Martín-Barbero, 2002), realizou-se o levantamento exploratório nos anais dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação¹² desde sua constituição, em 2013, até a edição de 2019, totalizando quatro edições. As informações foram extraídas de consultas no site da entidade e realizado o levantamento da quantidade de artigos científicos produzidos.

O *corpus* delimitado, dentro do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros, totalizou 21 trabalhos. O objetivo foi traçar uma cartografia ao organizar um mapa capaz de balizar a análise. Consideramos aqui que na área da Comunicação há uma pluralidade grande no uso da cartografia, sendo aceitável o termo em uma diversidade de estudos:

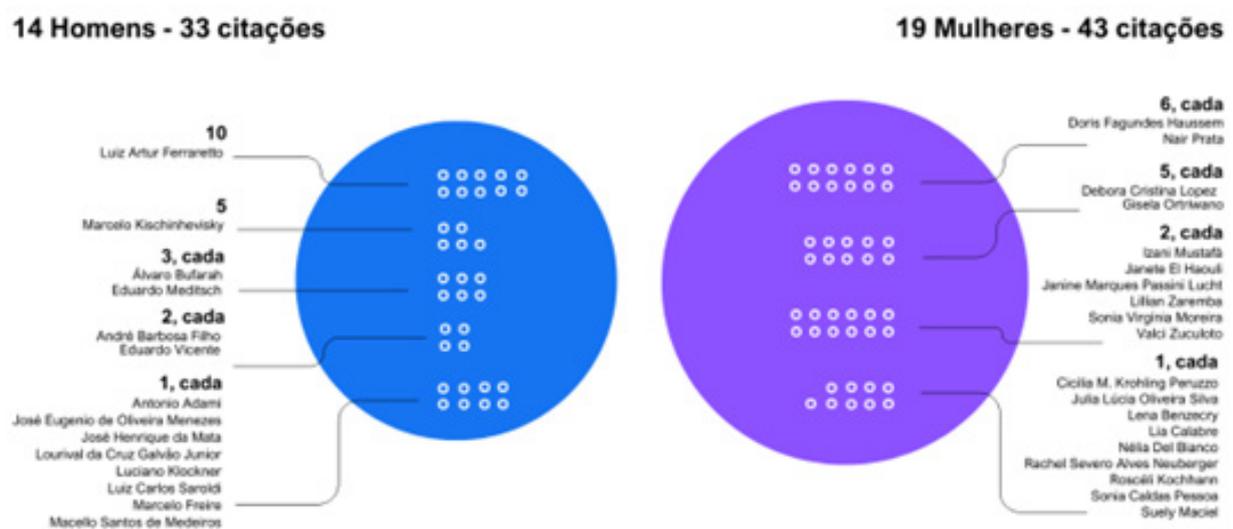
[...] cartografia aparece como sinônimo de mapeamento, levantamento de dados ou pesquisa exploratória [...] outros autores a empregam como compilação de dados, ou seja, um modo de apresentar as informações coletadas ao final do trabalho, após o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos metodológicos. Por fim, há um grupo que prefere usá-la para a análise de um corpus e tem aqueles que entendem ser conveniente aplicá-la para coletar dados de coletivos humanos (Rosário, 2016, p. 178).

Os *papers* foram analisados a partir de duas categorias: nacionalidades dos/as pesquisadores/as (autores dos artigos) e gênero dos/das autores/as brasileiros/as citados/as nas referências bibliográficas dos artigos. Consideramos os resumos e as referências bibliográficas e, quando necessário, incluída a leitura do documento. É necessário mencionar que a frequência

de trabalhos apresentados sofreu redução, especialmente nas duas últimas edições do período analisado: 2013 (8 artigos), 2015 (8 artigos), 2017 (4 artigos) em 2019 (1 artigo).

Quase 73% (72,7%) dos 21 trabalhos citaram ao menos um/a autor/a brasileiro/a, ou seja, 16 deles. O dado corrobora com os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Pères (2016) de que os autores brasileiros estão em evidência em termos de produção científica sobre o rádio. Os/as autores/as brasileiros/as que são referenciados compõem um grupo com mais de 30 nomes, conforme pode ser observado no Figura 2. São citados em trabalhos com temáticas diversificadas e alguns deles citados em mais de um artigo, o que corrobora o aspecto destacado por Cunha (2005) de que os pesquisadores buscaram teóricos que pensam o rádio e dando reconhecimento àqueles que dão status acadêmico ao meio.

Figura 2. Pesquisadores/as citados/as na Sopcom, nas edições de 2013 a 2019.



Fonte: Os autores

Como é possível perceber, além da diversidade de autores brasileiros citados, destaca-se a significativa presença de autoras mulheres, em um total de 19, mais da metade, portanto. Além disso, embora o autor mais citado seja Luiz Artur Ferraretto, dos seis autores mais citados, quatro são mulheres, sendo que Nair Prata e Doris Fagundes Haussem dividem o segundo lugar no ranking geral.

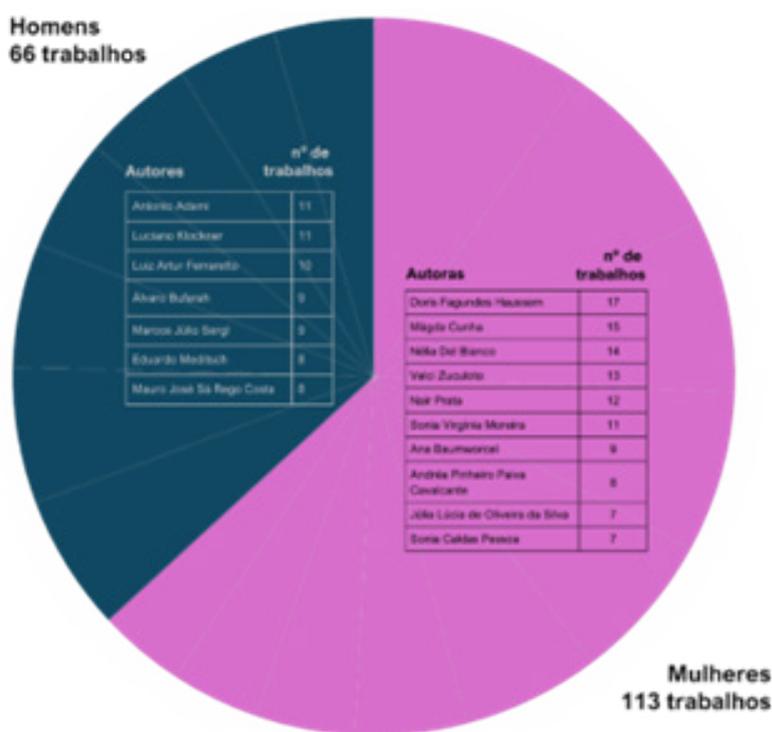
Consideramos este um aspecto importante na perspectiva das epistemologias do Sul, sobretudo no que se refere ao processo de colonialidade do saber, pois como citamos anteriormente, embora Quijano (1992; 2005) tenha dado centralidade aos aspectos raciais e de classe nas discussões sobre a colonialidade do poder, autoras como Lugones (2014) enfatizaram a importância de se levar em conta também o gênero no que se refere às problematizações sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser.

Essa constatação vai na contramão de levantamentos realizados no Brasil, como o feito por Salgado e Mattos (2022). Ao analisarem os trabalhos apresentados no primeiro quadriênio dos anais da Compós, constatam que nenhuma mulher aparece na lista dos 10 autores mais

citados pelos pesquisadores brasileiros em seus artigos. “As mais citadas, a francesa Michèlle Mattelart e a brasileira Lúcia Santaella, se encontram, respectivamente, nas 31ª. e 32ª posições (...), com 24 menções cada” (Salgado; Mattos, 2022, p. 8).

Nota-se ainda que dentre as autoras citadas, a maior parte delas – Dóris Fagundes Haussen, Nélia Del Bianco, Valci Zuculoto, Nair Prata, Sonia Virgínia Moreira, Sonia Caldas Pessoa e Julia Lucia de Oliveira Silva – já haviam entrado no ranking dos/as autores/autoras mais profícuos em número de trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 1991 e 2010 (Prata; Mustafá; Pessoa, 2014), conforme Figura 3. A constatação nos mostra que a participação das mulheres na pesquisa brasileira de mídia sonora se consolidou ao longo das últimas duas três décadas, ampliando, inclusive, o número de pesquisadoras.

Figura 3. Autores/autoras mais profícuos no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 1991 e 2010.



Fonte: Os autores

Outra constatação significativa diz respeito ao gênero quando o olhar recai sobre a autoria principal dos artigos apresentados. Do montante de trabalhos apresentados por brasileiros (14 no total), 64% (9) têm como primeira autoria pesquisadoras. São elas: Bárbara Avrella, Izani Mustafá, Luana Viana e Graziella Mello Vianna e Nair Prata, sendo que Izani Mustafá e Nair Prata aparecem com mais de um trabalho. Importante apontar ainda que, como indicam Dulci e Malheiros (2021) “vários autores(as) do “giro decolonial” já destacaram o quanto as epistemologias criadas pelo Norte Global são hegemônicas e geraram diversos processos de epistemicídios” (p. 176). Os resultados aqui encontrados apontam para um cenário de contrafluxo a esse processo, de um trânsito que vai do Sul para o Norte. O contrafluxo, no escopo analisado, nos mostra uma significativa participação de pesquisadoras, estabelecendo a possibilidade de outros olhares no fazer científico. Como apontam Arouche *et al.* (2022):

Como pesquisadoras brasileiras, nossos “corpos de terceiro mundo”, localizados nas margens do poder político central mundial, nos permite refletir sobre nossa emancipação, existência e narrativas enquanto mulheres latino-americanas, que produzem saber e conhecimento científico, sendo “nós” as porta-vozes da nossa história (Arouce *et al.*, 2022, p. 226).

Considerações finais

É possível, em estudos como este, notar que, ao menos no recorte apresentado, existe um caminho de representatividade, não só científico, mas também de gênero. Aqui podemos dizer que se trata de um possível direcionamento, ainda que sutil e em um escopo específico, para a superação da colonialidade do saber e do ser (Quijano, 1992), consolidado com a presença significativa de pesquisadoras mulheres. Isso tensiona o que Lugones (2014) estabelece de que a questão de gênero deve ser inserida nas reflexões acerca da colonialidade do saber e do ser. O espaço conquistado pelas pesquisadoras brasileiras em publicações nos Congressos da Sociedade Portuguesa da Ciência da Comunicação aponta também para uma vanguarda feminina brasileira nos estudos do rádio, colocando as autoras brasileiras em evidência e ainda em um fluxo que parte do Sul para o Norte. Sobre a importância de tensionar o marcador de gênero nos estudos em Comunicação (e em todo o fazer científico) entendemos que essa postura epistêmica é fundamental para um efetivo giro decolonial. Neste sentido, nos alhamos ao pensamento de Sondra Farganis ao afirmar que “Deve-se reconhecer que é justamente a partir do que viveram – de seu status marginal, de sua condição de proscritas, de suas experiências de cuidado e envolvimento – que as mulheres podem oferecer uma posição epistemologicamente mais válida e política e moralmente melhor” (Farganis, 1997, p. 235).

Vale destacar, porém, que nesta análise, como Brito e John (2024) já mencionaram em estudo anterior, não foi considerado um aspecto de grande relevância para tensionar a colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2000) Trata-se da dimensão racial. Portanto, apontamos aqui uma continuidade desta pesquisa, considera-se fundamental incluir este marcador social. Este processo permite reconhecer, como afirma outro importante pesquisador dos estudos decoloniais, Ramón Grosfoguel, que:

Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A ‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado. O lugar epistêmico étnico racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciativo encontram-se, sempre, desvinculados. Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia (Grosfoguel, 2008, p. 46).

A pesquisa visa, assim, ampliar a cartografia para demais eventos relevantes para a área da Comunicação e nos quais o campo radiofônico se faz presente, como aqueles de abrangência latino-americana e ibero-americana (Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação e Congresso Ibero-Americano de Comunicação), e ainda o principal evento de

abrangência mundial da área (International Association for Media and Communication Research – IAMCR). Apenas dessa maneira será possível concluir se os estudos radiofônicos estão em um caminho de “suleamento”, fazendo referência ao termo “SULear” apontado por Marcio D’Olne Campos (2019), que contrapõe o caráter ideológico do termo nortear, e dá à ótica do sul um contraponto à lógica eurocêntrica de referência universal.

Referências

- AMARAL, M. E. P. Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação. *Revista Extraprensa* - V14(2), pp. 471-487, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.181765>
- Arouche, D. S; Lima, L. S; & Nunes, I. de M. L. Epistemologia feminista: Repensando a ciência a partir das margens. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros*, 5(13), 224–237, 2022. <https://doi.org/10.18764/2595-1033v5n13.2022.35>
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política* - N11, pp. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>
- BALLESTRIN, L. M. de A. Feminismos Subalternos. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1035–1054, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%x>
- BRITO, M. R. G. de; JOHN, V. M. Um Giro do sul para o norte: a pesquisa brasileira de rádio e a (de) colonialidade do saber. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1076>.
- CAMPOS, M. D. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. *Revista Interdisciplinar Sulear* - N2, pp. 10-35. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4140>.
- CUNHA, M. Prefácio. In: MEDITSCH, E. *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis: Insular, 2005.
- CUNHA, R; DIMENSTEIN, M; DANTAS, C. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. *Saúde debate*. 19° de outubro de 2021 [citado 12° de novembro de 2024];45 (especial 1 out):83-97. Disponível em: <https://saudeemdebate.org.br/sed/article/view/4871>
- DULCI, T. M. S; MALHEIROS, M. R. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a américa latina. In: *Revista Spirales*, V5(1), pp. 174–193. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espiales/article/view/2686>.
- FERNÁNDEZ-SANDE, M.; GALLEGÓ PÉREZ, I. Diversity, innovation and policies. In: *Radio, Sound & Society Journal*, V(1), pp. 7-9, Ecrea Radio Research Section, 2016.
- KISCHINHEVSKY, M. et al. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, V (40), pp. 91-107. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2802/2092>
- GARCÍA, J. T. *La Escuela del Sur*. In: Universalismo constructivo. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- GOBBI, M. C. Produção comunicativa das mulheres: um legado ainda pouco conhecido. *Revista Estudos da Condição Humana*, n. 1, dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/rechu.v1i1.9>
- GOBBI, M. C. *Do silenciamento à palavra: mulheres nos estudos em comunicação na América Latina*. Portugal: Ria Editorial, 2022.
- GROSGOQUEL, R. *Hacia un pluri-versalismo transmoderno decolonial*. In: Tabula Rasa, Bogotá, p. 199-215, dez. 2008.
- GROSGOQUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p 115-147, março. 2008.
- HARDING, S. *Ciência y feminismo*. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

- HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 7-31, jan./jun.1 993. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x1993000100002&script=sci_abstract&tlng=en
- KANTAR IBOPE MIDIA. *Inside audio 2023*. São Paulo, 2023. 27 p. Disponível em: <https://kantariopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/>.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. In: *Estudos Feministas*, V 22(3), pp. 935-951 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>.
- MAIA, M. C. F. *O que é rádio: perspectivas teóricas na pesquisa em Comunicação*. 2019. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MEDITSCH, E. *A Especificidade do Rádio Informativo: um estudo da construção, discurso e objetivação da informação jornalística no rádio, a partir de emissoras especializadas de Portugal e do Brasil em meados dos anos 90*. Tese de Doutorado. Lisboa: FCSH/UNL, 1997.
- OLIVEIRA, M. Entre a paixão dos profissionais e a descrição dos acadêmicos. In: ZUCULOTO, V; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. In: *Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom em perspectiva*. São Paulo: Intercom, 2016.
- PRATA, N.; MUSTAFA, I.; PESSOA, S. C. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. In: *Revista Brasileira de História da Mídia*, V(3), pp. 65-82. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3966/2304>
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: *Journal of world-systems research*, V(11), pp. 342-386. Disponível em <https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/228/240>
- QUIJANO, A. *Colonialidad y modernidad-racionalidad*. 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>.
- RINCÓN, O. Carta a quien lea. In: RODRÍGUEZ, C.; BLANCO, C. M.; PARDUCCI, A. M.; RINCÓN, O. (org.). *Mujeres de la comunicación*. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung Fes Comunicación, 2020. p. 5-7.
- ROSÁRIO, N. M. do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- SALGADO, T. B. P; MATTOS, M. Â. Índícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003). In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, V(45). Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3917/2698>
- SANTOS, B. de S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: *Novos estudos - CEBRAP*, N(79) São Paulo, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.
- SANTOS, B. de S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. In: *Sociologias*, V(18), pp. 14-23. DOI: 10.1590/15174522-018004301. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/68312>.
- SIMÕES, P; FRANÇA, V. et al. Estudos de jornalismo no Brasil: panorama dos trabalhos apresentados nos encontros da COMPÓS. In: *Libero*, N(45), pp. 177-190. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1086/1105>
- TAVARES, C. Q; MASSUCHIN, M. G; SOUZA, L. L de. A quem recorreremos quando falamos sobre gênero na Comunicação? Aspectos de colonialidade e decolonialidade a partir da bibliografia utilizada na pesquisa da área. *Comunicação, mídia, consumo*. São Paulo, v.18, n.51, p.36-59, jan./abr.2021. DOI <https://doi.org/10.18568/cmc.v2i4.36>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/36/pdf>.